

POSTURA EM AGAMBEN

POSTURE IN AGAMBEN

Diego Guimarães¹

RESUMO

Este artigo trata de investigar o conceito de postura em Giorgio Agamben. Para tanto, inicia-se por uma análise da inoperosidade e de seu vínculo com a resistência ao governo da vida, momento em que se explicita também a sua relação com a destituição e com a anarquia. Na sequência, retoma-se o conceito de gesto em Agamben, para a partir dele aprofundar-se na postura: Como gestos podem configurar uma postura? Como pensar uma postura a partir de gestos? Em *Postura* (2016), o filósofo analisa um conceito de postura partindo da figura do esgotado presente no ensaio *O esgotado* (2010), de Deleuze. O esgotado é aquele que esgotou todas as possibilidades: ao esgotar-se a potência, neutraliza o ato e libera o uso. Viver ao modo do uso, ao modo da inoperosidade, envolve esgotar a potência e o ato em toda atividade, esquivando-se, assim, da estratégia de captura dos dispositivos de governo da vida. É nesse sentido que a postura de esgotado interessa a Agamben: a postura de inoperosidade seria, também, uma postura de esgotado. Ao final do ensaio *Postura* (2016), Agamben afirma que no campo dos gestos, por fim, até mesmo a postura, aos moldes do esgotado, fica para trás. No entanto, insistiu-se nesse artigo em uma postura configurada por gestos, o que se justifica principalmente quando se tem em vista, com tais conceitos, a resistência ao governo da vida a partir da anarquia e do enraizamento. O gesto já trata de uma exposição, mas a postura é uma demora expondo, e configura-se pelos gestos: é uma insistência restituindo uso e fazendo uso, uma frequência, uma demora no corpo a corpo, resistindo ao governo da vida orquestrado pelos dispositivos. Gesto e postura compõem uma estratégia: demorar expondo uma vida que se vive vivendo.

Palavras-chave: Agamben; gesto; inoperosidade; postura; resistência.

ABSTRACT

This article investigates the concept of posture in Giorgio Agamben. To this end, it begins with an analysis of inoperosity and its link with resistance to the rule of life, at

¹Doutor em Filosofia. Professor na SEE-PB, João Pessoa, Paraíba, Brasil. E-mail: diegoguimafil@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8718-0478>.

which time its relationship with destitution and anarchy is also made explicit. Following, the concept of gesture is returned in Agamben, from which to deepen the posture: How can gestures configure a posture? How to think a posture from gestures? In *Posture* (2016), the philosopher analyzes a concept of posture based on the figure of the exhausted present in Deleuze's *The Exhausted* (2010) essay. The exhausted is the one who has exhausted all possibilities: when the power is exhausted, it neutralizes the act and set free its use. Living in the mode of use, in the mode of inoperosity, involves depleting power and act in every activity, thereby evading the strategy of capturing life-governing apparatus. It is in this sense that the posture of depleted interests Agamben: the posture of inoperosity would also be a posture of depleted. At the end of the essay *Posture* (2016), Agamben states that in the field of gestures, finally, even the posture, like the depleted, stay behind. However, this article insists on a posture configured by gestures, which is mainly justified when considering, with such concepts, the resistance to the rule of life from anarchy and rooting. The gesture is already an exposure, but the posture is a delay exposing, and is configured by gestures: it is an insistence restoring use and making use, a frequency, a delay in melee, resisting the rule of life orchestrated by apparatus. Gesture and posture make up a strategy: take a long time to expose a life you live by living.

Key words: Agamben; gesture; inoperosity; posture; resistance.

Artigo recebido em: 11/03/2024

Artigo aprovado em: 02/09/2024

Artigo publicado em: 22/10/2024

Doi: <https://doi.org/10.24302/prof.v11.5334>.

1 INTRODUÇÃO

Para investigar a postura em Agamben, é importante esclarecer o conceito de inoperosidade e a sua abrangência na obra do filósofo. A inoperosidade (*inoperosità*) deriva-se da inoperância (*désouvement*), que significa uma ausência de operação/obra e que nega que haja uma tarefa propriamente humana. A inoperosidade, por sua vez, não é operação/obra e nem é uma ausência de obra, mas a obra como uso ao invés de como uma propriedade. Trata-se, então, não de uma ausência de atividade, mas de uma atividade sem propriedade e sem finalidade, que remete à própria possibilidade de obra, ou seja, a uma potência para uso. Portanto, a inoperosidade difere-se da

inoperatividade/inoperância ao dar um emprego à ausência de obra, ao exercitar a potência para uso, restituindo-a às obras: ela deixa a obra em contato com a ausência de obra.

A inoperosidade consiste em uma existência genérica da potência, que não se resume a um trânsito rumo a um fim, mas que se configura, ao invés, como um meio sem fim, de modo que ela sai da lógica da finalidade e da propriedade para a da medialidade. Não se trata de uma ausência de atividade, mas de uma atividade sem propriedade e sem finalidade. A potência para tal atividade é o que Agamben chama de potência destituente.

A proximidade entre potência destituente e o que, no decurso da investigação, denominamos com o termo inoperosidade aqui se mostra com clareza. Em ambas está em questão a capacidade de desativar e tornar algo inoperante – um poder, uma função, uma operação humana – sem simplesmente o destruir, mas libertando as potencialidades que nele haviam ficado não atuadas a fim de permitir, dessa maneira, um uso diferente (AGAMBEN, 2017, p. 305).

A inoperosidade é a dimensão do uso, e a potência destituente é a possibilidade de levar esse uso ao mundo. Ela pode ser iluminada através da contraposição com a relação entre o poder constituinte e o poder constituído. O poder constituinte é aquele que funda algo (regra, norma, ordem), enquanto que o poder constituído é aquele que mantém algo (uma regra, norma ou ordem vigente), recorrendo ao poder constituinte como o seu fundamento. Seguindo a avaliação de Agamben, de modo geral são duas as teses mais comuns sobre a relação entre poder constituinte e poder constituído: uma que defende que o poder constituinte não pode ser condicionado de nenhuma maneira e que ele se mantém externo a todo poder constituído; outra que defende a tese contrária, que reduz o poder constituinte a um poder de revisão previsto no que foi constituído. Ainda que o poder constituinte pareça mais nobre, qualquer uma das duas teses o mantém em relação com o poder constituído. Uma potência destituente, ao contrário destes, não coloca e nem mantém nada, escapando, portanto, do círculo vicioso entre poder constituinte e poder constituído.

Chamamos de destituente uma potência capaz de abandonar toda vez as relações ontológico-políticas para que apareça entre seus elementos um contato. O contato não é um ponto de tangência nem um *quid* ou uma substância em que os dois elementos se comunicam: ele é definido unicamente por uma ausência de representação, só por uma cesura. Onde uma relação é destituída e interrompida, seus elementos estarão em contato, pois é mostrada entre eles a ausência de qualquer relação. Assim, no momento em que uma potência destituente exhibe a nulidade do vínculo que tinha a pretensão de mantê-los juntos, vida nua e poder soberano, anomia e *nomos*, poder constituinte e poder constituído se mostram em contato sem relação nenhuma; por isso mesmo, o que havia sido cindido de si e capturado na exceção – a vida, a anomia, a potência anárquica – agora aparece em sua forma livre e não provada (AGAMBEN, 2017, p. 305).

Portanto, tem-se os conceitos de inoperosidade, de potência inoperosa e de gesto inoperoso. Todos eles se relacionam ao uso que caracteriza a forma-de-vida; mas eles podem ser distinguidos de uma maneira sutil: a inoperosidade diz respeito especificamente à dimensão; a potência diz respeito à possibilidade de levar essa dimensão da inoperosidade ao mundo; e o gesto inoperoso diz respeito à atividade de levar a dimensão da inoperosidade ao mundo. Trata-se de uma divisão estratégica utilizada neste artigo para uma melhor compreensão de tais momentos, embora ela não seja uma divisão desenvolvida claramente por Agamben.

Até o momento foi utilizado ora o conceito de inoperosidade (e os seus derivados, inoperoso e inoperosa), ora o conceito de destituição (e o seu derivado, destituente). Embora eles digam respeito aos mesmos elementos, na medida em que apontam e destacam o uso, um motivo para utilizá-los de diferentes maneiras é que cada um deles, a seu modo, destaca elementos específicos de diferentes problemas e tradições de pensamento. Por exemplo, quando Agamben investe no conceito de destituição e de potência destituente, ele tem em mente uma crítica ao círculo vicioso entre o poder constituinte e o poder constituído, bem como desenvolve uma contra-estratégia a eles. Outro exemplo é o conceito de anarquia: a potência anárquica também tem relação com o uso ao ponto de poder ser colocada lado a lado com a potência destituente e com a potência inoperosa, na medida em que a potência

anárquica está no contexto de resistência à captura do uso que caracteriza a anarquia do poder.

Apesar de o conceito de inoperosidade ser utilizado em quase todas as partes da tetralogia *Homo Sacer*², é apenas na última, *O uso dos corpos* (2017), que o filósofo o configura de maneira mais acabada, e, por isso, onde também fica melhor iluminado o caráter anárquico da política proposta pelo italiano, que tem como base justamente a inoperosidade. Nesta mesma obra, Agamben aproxima tal conceito aos de potência destituente e potência anárquica: “em ambos os casos [inoperosidade, potência destituente e potência anárquica] está em jogo a capacidade de desativar e tornar inoperante, sem simplesmente destruí-lo [um dispositivo ou uma realização específica], mas liberando a sua potencialidade para um uso diverso” (AGAMBEN, 2017, p. 305).

Aproximando a inoperosidade e o pensamento anárquico, ainda em *O uso dos corpos*, Agamben afirma: “Tanto a tradição anárquica quanto o pensamento do século XX tentaram definir essa potência destituente sem nunca verdadeiramente conseguir” (AGAMBEN, 2017, p. 306); isto porque “a anarquia nunca pode estar em posição de princípio: ela pode unicamente se libertar como um contato, lá onde tanto *archè* como origem quanto *archè* como comando estão expostos em sua não-relação e são neutralizadas” (AGAMBEN, 2017, p. 307).

A potência anárquica em Agamben, no sentido que o filósofo utiliza em *O uso dos corpos* (2017), coincide com o conceito de potência destituente, pois também se trata nele de liberar e restituir o que é capturado pelos dispositivos: o uso. Em termos de uso, tal como foi pensado para a inoperosidade e para a potência inoperosa,

2A tetralogia *Homo Sacer* (H.S.) foi publicada por Giorgio Agamben entre 1995 e 2015. É uma obra de característica política e, cronologicamente, foi assim dividida: 1995 - O poder soberano e a vida nua (H.S. I); 1998 - *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha* (H.S. III); 2003 - *Estado de exceção* (H.S. II.1); 2007 - *O reino e a glória: uma genealogia teológica da economia e do governo* (H.S. II.4); 2008 - *O sacramento da linguagem: arqueologia do juramento* (H.S. II.3); 2011 - *Altíssima pobreza: regras monásticas e formas de vida* (H.S. IV.1); 2012 - *Opus Dei: arqueologia do ofício* (H.S. II.5); 2014 - *O uso dos corpos* (H.S. IV.2); 2015 - *Stasis: a guerra civil como paradigma político* (H.S. II.2).

respectivamente uma dimensão do uso e uma potência para o uso, pode-se pensar o gesto inoperoso como um gesto de uso, isto é, uma atividade em que se dá uso em seu decorrer. Não se trata de igualar todos ao uso, há distinções, mesmo que sutis, como destacado: capacidade/dimensão, potência e atividade. Trata-se de uma divisão estratégica para compreender o alcance daqueles conceitos. Neste artigo, será feita tal distinção quanto ao gesto, entendendo que ele tem sempre inerente a si a dimensão do uso e sempre leva uso ao mundo. O gesto expõe a potência para o uso, ele não é somente uma efetivação dessa potência na medida em que ela é posta em atividade/levada ao mundo, mas ele é também uma exposição dessa potência mesma, podendo, portanto, propagá-la.

Quando se pensa o gesto inoperoso, pensa-se um gesto que expõe e propaga uso. No caso de pensar um gesto de anarquia, pensa-se um gesto que expõe uso na medida em que isso é uma estratégia de resistência ao governo. Se o governo da vida separa o vivente do uso e da anarquia, uma contra-estratégia a tal governo é restituir ao uso e expô-lo, resistindo, assim, ao governo da vida.

O governo da vida se dá, sobretudo, por meio da estratégia de captura operada pelos dispositivos de governo. Em *O que é um dispositivo?* (2009), Agamben pensa o conceito de dispositivo partindo de Michel Foucault, primeiro apresentando resumidamente o que significaria tal conceito na obra do filósofo francês:

- a. É um conjunto heterogêneo, linguístico e não-linguístico, que inclui virtualmente qualquer coisa no mesmo título: discursos, instituições, edifícios, leis, medidas de polícia, proposições filosóficas etc. O dispositivo em si mesmo é a rede que se estabelece entre esses elementos.
- b. O dispositivo tem sempre uma função estratégica concreta e se inscreve sempre numa relação de poder.
- c. Como tal, resulta do cruzamento de relações de poder e de relações de saber (AGAMBEN, 2009, p. 29).

De modo que o dispositivo seria um conjunto de saberes, medidas e instituições que tem por estratégia e objetivo gerir, controlar e orientar as pessoas. Agamben propõe um uso diferente do conceito, transformando-o a seu modo: ele chama de dispositivo “qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar,

orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes” (AGAMBEN, 2009, p. 40).

Não somente, portanto, as prisões, os manicômios, o Panóptico, as escolas, a confissão, as fábricas, as disciplinas, as medidas jurídicas etc., cuja conexão com o poder é num certo sentido evidente, mas também a caneta, a escritura, a literatura, a filosofia, a agricultura, o cigarro, a navegação, os computadores, os telefones celulares e – por que não – a própria linguagem, que talvez seja o mais antigo dos dispositivos, em que há milhares e milhares de anos um primata teve a inconsciência de se deixar capturar (AGAMBEN, 2009, p. 40).

Além dessa ampliação da abrangência do conceito, Agamben propõe um uso extremo para ele, dividindo todo o existente em dois grandes grupos: 1) os seres viventes e 2) os dispositivos em que estes são incessantemente capturados. A relação entre os dois, o corpo a corpo entre eles, seria um processo de subjetivação, resultando na configuração de sujeitos (identidades, qualidades etc.).

Através da subjetivação, configura-se um sujeito que tem o dispositivo por fundamento, criando, assim, um sujeito dócil que abraça o próprio dispositivo que o governa. O dispositivo visa conformar a vida da pessoa, isto é, dar uma forma externa à vida de determinado vivente, separando, assim, forma e vida. Portanto, a atividade de governo que caracteriza o dispositivo é “sem nenhum fundamento no ser”, sem nenhum fundamento no vivente: o dispositivo tira o vivente de sua imediatez, para então mediar vida e forma, capturando e conduzindo *como* a vida se dá: uma forma se destaca da vida, constitui uma representação e toma parcialmente o lugar da vida. De maneira semelhante às representações que compõem o espetáculo, os dispositivos capturam (mobilizam) os viventes a favor de uma forma sem vida (representação do que era vivido diretamente), que governa as relações e condutas dos viventes.

Se num primeiro momento os dispositivos tendem a produzir uma espécie determinada e padronizada de sujeito, levando-os a uma identidade moldada e previsível, nas sociedades contemporâneas os dispositivos têm visado cada vez mais conduzir os viventes a um vazio, a um mínimo de identidade, conteúdo e experiência,

configurando um sujeito apenas em estágio larvar. Este segundo processo Agamben chama de dessubjetivação:

O que define os dispositivos com os quais temos que lidar na atual fase do capitalismo é que estes não agem mais tanto pela produção de um sujeito quanto por meio de processos que podemos chamar de dessubjetivação. Um momento dessubjetivante estava certamente implícito em todo processo de subjetivação [...]; mas o que acontece agora é que os processos de subjetivação e processos de dessubjetivação parecem tornar-se reciprocamente indiferentes e não dão lugar à recomposição de um novo sujeito, a não ser de forma larvar e, por assim dizer, espectral (AGAMBEN, 2009, p. 47).

Na multiplicidade de processos de subjetivação que um mesmo vivente pode simultaneamente sofrer, já estava implícita uma dessubjetivação, quando se tratava de um sujeito dar lugar a um novo sujeito, o que não ocorre no processo de dessubjetivação, no qual o sujeito recompõe-se apenas de maneira escassa. Podem-se sintetizar duas espécies de sujeito a partir dos dois processos de conformação de sujeitos visto acima, sendo característica de ambos ter os dispositivos por fundamento: 1) o sujeito do primeiro processo, que tem uma identidade padrão e importa de uma maneira determinada; 2) o sujeito do segundo processo, que tem um vazio de conteúdo e identidade.

A resistência ao governo da vida envolve exposição e propagação, ela envolve uma tensão com os dispositivos, é como se não fosse possível sair da captura que os dispositivos promovem sem voltar as atenções sobre eles, o que pode se dar a partir da exposição de experiências vividas diretamente ou do contato mesmo com uma experiência direta (sem mediação de dispositivos). Então, dentro dessa estratégia, a exposição funciona também por propagação, e, ao mesmo tempo, ela age no sujeito à medida em que libera o uso. Como resultado dessa estratégia de restituição ao uso, o indivíduo deixa de permanecer capturado pelos dispositivos, mesmo que constantemente ele tenha que deixar de ser capturado, a cada movimento desativando uma captura. A anarquia envolve estar sempre desativando capturas e dispositivos, e isso seria viver anarquicamente, viver ao modo do contradispositivo.

Investigou-se, até aqui, o conceito de inoperosidade, destituição e anarquia referente à dimensão do uso, e a potência inoperosa, destituente e anárquica referentes à potência de levar a inoperosidade, destituição e anarquia ao mundo. Vinculado a eles, há o conceito de gesto inoperoso, destituente e anárquico, que se refere à atividade de levar a inoperosidade, a destituição e a anarquia ao mundo.

2 GESTO E POSTURA

Geralmente chama-se de gesto qualquer movimento corpóreo, sobretudo os vinculados a algum significado. Em sua definição do conceito, pelo contrário, Agamben defende que o gesto não se vincula a um fim ou a um significado, e busca, portanto, outra definição para o conceito.

Uma primeira definição – por certo insuficiente – que havia proposto era esta: o gesto não é nem um meio, nem um fim; antes, é a exibição de uma pura medialidade, o tornar visível um meio enquanto tal, em sua emancipação de toda finalidade. O exemplo do mímico é, nesse sentido, esclarecedor. O que imita o mímico? Não o gesto do braço com a finalidade de pegar um copo para beber ou com qualquer outro escopo, mas, ao contrário, a mimese perfeita seria a simples repetição desse determinado movimento tal e qual. O mímico imita o movimento, suspendendo, entretanto, sua relação com um fim. Isto é, ele expõe o gesto em sua pura medialidade e em sua pura comunicabilidade, independentemente de sua relação efetiva com um fim. Essa "medialidade sem fim" é, por assim dizer, a outra face da definição kantiana da beleza: "finalidade sem fim (*Zweckmässigkeit ohne Zweck*)". Mas enquanto a finalidade sem fim é paralisante e, de algum modo, passiva, pois mantém a forma vazia do fim sem nenhum conteúdo determinado, a medialidade que está em questão no gesto é ativa, porque nela o meio se mostra como tal, no próprio ato em que interrompe sua relação com um fim (AGAMBEN, 2018, p. 1-2).

O gesto não se dirige a um objetivo, ele não tem uma finalidade que o move, ele não tem uma finalidade fora dele e nem um fim nele mesmo, mas é um meio puro, sem qualquer finalidade que seja. Para Agamben, ele é a exibição de um caráter medial: ao experi-lo, o gesto nada mais faz do que expor a atividade enquanto uso, a dimensão do uso e, pode-se dizer, expõe, portanto, a inoperosidade, a destituição e a anarquia.

Para a compreensão do gesto, nada é, portanto, mais desviante do que representar uma esfera dos meios voltados a um objetivo (por exemplo, a marcha, como meio para deslocar o corpo do ponto A ao ponto B) e depois, distinta desta e a ela superior, uma esfera do gesto como movimento que tem em si mesmo o seu fim (por exemplo, a dança como dimensão estética). Uma finalidade sem meios é tão alienante quanto uma mentalidade que só tem sentido em relação a um fim. Se a dança é gesto, é porque ela não é, ao contrário, nada mais do que a sustentação e a exibição do caráter medial dos movimentos corporais. *O gesto é a exibição de uma medialidade, o tornar visível um meio como tal.* Ele faz aparecer o ser-em-um-meio do homem e, desse modo, abre-lhe a dimensão ética (AGAMBEN, 2015, p. 59).

Relacionado ao conceito de gesto está o conceito de postura. Como gestos podem configurar uma postura? Como pensar uma postura a partir de gestos? Há em Agamben um ensaio em que ele relaciona gesto e postura, do qual se parte neste artigo para uma investida sobre tal conceito.

Agamben debruça-se sobre a relação entre gesto e postura no ensaio *Postura* (2016), no qual ele aborda o conceito de postura de esgotado, de Deleuze, aproximando-o do conceito de gesto, bem como do conceito de inoperosidade. Antes de avançar no pensamento de Agamben propriamente dito, será feita uma análise do texto de Deleuze ao qual Agamben faz referência, intitulado *O esgotado* (2010).

Deleuze inicia o seu texto fazendo uma contraposição entre a figura do esgotado e a figura do cansado: o esgotado é muito mais do que o cansado, na medida em que “o cansado apenas esgotou a realização, enquanto o esgotado esgota todo o possível. O cansado não pode mais realizar, mas o esgotado não pode mais possibilitar” (DELEUZE, 2010, p. 67). Com isso, o filósofo afirma que o esgotado se esgota ao esgotar o possível e vice-versa, de modo que ele encerra o possível mais do que todo cansaço.

Enquanto o cansado se cansa de alguma coisa, o esgotado é esgotado de nada, com a atenção de não se tratar, aqui, de algo passivo: “Não se cai, entretanto, no indiferenciado, ou na famosa unidade dos contraditórios, e não se é passivo: está-se em atividade, mas para nada” (DELEUZE, 2010, p. 69). O esgotado, ao ser esgotado para nada, neutralizou e neutraliza toda obra, e isso não significa adotar uma posição neutra, mas suspender o círculo vicioso entre potência e ato, sair daquilo que existe

rumo a uma potência ou um ato específico, mas a uma potência absoluta, uma potência absolutamente para o uso.

Na introdução de *Sobre o teatro* (2010), livro em que está publicada uma tradução brasileira de *O esgotado*, Machado destaca como aparece em Deleuze a relação do cansaço e do esgotamento com o real e com o possível:

Para definir o esgotamento, Deleuze começou distinguindo-a do cansaço pela relação que eles têm com o real e o possível, defendendo que o cansado esgota a realização, enquanto o esgotado esgota o próprio possível, todo o possível, o que não se realiza no possível. Essa diferença de natureza significa que, enquanto a realização do possível se dá em função de determinadas preferências, isto é, procede por exclusão ou disjunções exclusivas, que acabam cansando, o esgotado, ao contrário, é alguém que renuncia a qualquer preferência, sem nada realizar, esgotado de nada, com disjunções inclusas em que os termos se afirmam em sua distância (2010, p. 17-18).

A postura do esgotado, coloca Deleuze, é como a postura de sentado: “O esgotado continua sentado à escrivaninha, “cabeça pendida repousando sobre as mãos”, mãos assentadas sobre a mesa e cabeça assentada sobre as mãos, cabeça rente à mesa. Postura do esgotado [...] (DELEUZE, 2010, p. 73).

Enquanto à postura do esgotado corresponde a postura de sentado, à postura do cansado corresponde a postura de deitado, e, para Deleuze e Agamben, deitado é menos do que sentado:

Deitar-se nunca é o fim, a última palavra, é a penúltima, e corre-se o grande risco de ficar descansado demais, para poder, se não levantar, ao menos virar-se ou rastejar. Para deter aquele que rasteja, é preciso colocá-lo num buraco, plantá-lo num vaso, nos quais, não podendo mais agitar os seus membros, agitará, entretanto, algumas lembranças. Mas o esgotamento não se deixa deitar e, quando chega a noite continua sentado à mesa, cabeça cravada sobre mãos prisioneiras (DELEUZE, 2010, p. 73).

Pélibart, em seu ensaio *Esgotamento e criação*, comenta as figuras do cansado e do esgotado em Deleuze, distinguindo-as. Segundo o comentador, o cansaço faz parte da dialética do trabalho e da produção, na qual descansa-se para retornar à atividade (cf. PELBART, 2013, p. 39); ou seja, descansa-se para voltar a realizar uma potência, descansa-se para voltar a um constituído que se mantém fundamentado em um

constituente. Ao deitar-se, vincula-se uma manutenção da situação vigente (e, pode-se dizer, uma postura de pé seria a própria manutenção do *status quo*).

O esgotado, ao esgotar o seu objeto, esgota-se a si próprio:

Como se o esgotamento do possível (dado de antemão) fosse a condição para alcançar outra modalidade de possível (o ainda não dado) – em outros termos, não a realização eventual de um possível previamente dado, mas a criação *necessária* de um possível sob um fundo de impossibilidade. [...] Como *abrir* um campo de possíveis? [...] O esgotamento não é um mero cansaço, nem uma renúncia do corpo e da mente, porém, mais radicalmente, é o fruto de uma descrença, é operação de desgarramento, consiste num descolamento. [...] O esgotamento desata aquilo que nos ‘liga’ ao mundo, que nos ‘prende’ a ele e aos outros [...] esvaziamento [...] (PELBART, 2013, p. 45-46).

Esgotar-se é esvaziar-se. Há no esgotado um desgarramento quanto a um uso específico, um descolamento de uma realização, tal como visto quanto à descrição; assim, o esgotamento envolve uma inversão da obra, ele envolve desobrar.

É a posição mais horrível para se esperar a morte: sentado, sem poder se levantar nem se deitar, espreitando o golpe que nos fará levantar uma última vez e nos deitar para sempre. Sentado, custa-se a crer, não se pode agitar sequer uma lembrança. Desse ponto de vista, a canção de ninar é ainda imperfeita: é preciso que ela se detenha. Poderia ser feita uma distinção entre a obra deitada de Beckett e a obra sentada, única e última. É que entre o esgotamento sentado e o cansaço deitado, rantejante ou parado, existe uma diferença de natureza. O cansaço afeta a ação em todos os seus estados, enquanto o esgotamento concerne apenas ao testemunho amnésico. O sentado é o testemunho em torno do qual o outro gira, ao desenvolver todos os graus de seu cansaço. Ele está ali antes de nascer, e antes que o outro comece (DELEUZE, 2010, p. 74).

3 POSTURA EM AGAMBEN

Em seu ensaio, *Postura* (2016), Agamben investiga as posturas de deitado e de sentado. Quanto à primeira, o filósofo interpreta que Deleuze mira, com a sua crítica, a filosofia de Levinas e, indiretamente, a filosofia de Heidegger. Levinas começou a escrever *Da existência ao existente* enquanto estava recluso em um campo de prisioneiros, durante a Segunda Guerra. O conceito de ser, herdado da filosofia de Heidegger, adquire nesta obra os ares de uma experiência sórdida, entre o sono e a

vigília, fadiga e insônia, necessidade e náusea, nas posturas e imposturas do corpo. Assim, aponta Agamben, Levinas pensará o cansado: “No cansaço, no qual a consciência parece afrouxar a apreensão da existência, e quase desdizer sua subscrição nesta, de fato, é ainda o ser que aparece, em um evasivo retardo em relação a si mesmo e como em uma íntima luxação” (AGAMBEN, 2016, p.1).

Em Levinas o ser não é um anúncio ou uma abertura, mas uma presença revoltante na qual está irremediavelmente ligada e à qual assume abondando-se a uma postura:

Este meu estar encolhido no leito, este meu (não-meu) coincidir de todo e sem reservas com meu repouso, este meu (não-meu) não ser senão postura insone: estirado, de braços, de barriga pra cima, de lado com as pernas encolhidas como um feto – isto, e nada mais, é o ser (AGAMBEN, 2016, p. 2).

Segundo Agamben, trata-se para Deleuze de um acerto de contas com Heidegger, pois aquele sabia ter sido este o primeiro a colocar o ser numa postura, e que, inclusive, abre sua analítica do ser com a constatação de uma postura de implacável repouso.

Em Heidegger, todavia, esse repousar do ser na existência se traduz imediatamente num primado da possibilidade. Que a essência repouse, esteja deitada, na existência, significa que o mundo se abre em possibilidade para o homem, que para este tudo se apresenta como um possível modo de ser ao qual já está sempre entregue. Enquanto repousa – presumivelmente, desperto e de barriga para cima (Heidegger parece não se importar com o sono) – na existência, o ser-aí [*esserci*] é inexoravelmente entregue à possibilidade: repousar é poder (AGAMBEN, 2016, p. 1).

O cansado apenas aparentemente não dispõe de nenhuma possibilidade, pois ele exaure a capacidade de colocá-la em ato, mas não a possibilidade mesma. Já o esgotado, “esgota todo o possível. [...] Põe fim ao possível, para além de qualquer cansaço, para ‘continuar a terminar’” (AGAMBEN, 2016, p. 2). Por isso não lhe convém estar estirado.

Se ao ser estirado do ser corresponde, nesse sentido, um primado do possível, será necessário então imaginar uma postura que exaure de modo integral e sem reservas toda possibilidade. Isto é, apostar sobre o que se pode ainda fazer quando tudo se tornou impossível e sobre o que ainda se pode dizer quando não é mais possível falar (AGAMBEN, 2016, p. 2).

Tendo destacado que a postura do esgotado é a postura de sentado, bem como as suas características e as suas relações com uma potência, a pergunta que se faz a esta altura do ensaio de Agamben é o que significa sentar ou estar sentado, e para respondê-la ele recorre ao conceito de inoperosidade.

Nas línguas indo-europeias o estar sentado é associado à ideia de inoperosidade, de suspensão de toda atividade. Do latim *sedeo* derivam assim *desidia* e *desidiosus*, que significam a inércia, o estar sentado sem fazer nada, e *sedare*, que significa fazer cessar, pôr fim a uma ocupação ou a um movimento. [...] O estar sentado é a cifra do exaurimento de toda possível ação, a postura do exausto que conseguiu desalojar o ser de sua demora na possibilidade (AGAMBEN, 2016, p. 2).

A inoperosidade é esgotamento na medida em que é inversão, cumprimento, neutralização, esvaziamento; através dela é possível sair do círculo constituinte-constituído e depor uma realização específica. Enquanto o cansado é inoperatividade, inação, descanso para voltar à captura, o sentado é inoperosidade, suspensão da captura.

O último questionamento feito por Agamben em seu ensaio é sobre como pensar uma possibilidade esgotada.

Como pensar, então, uma possibilidade exausta? Não se trata, de modo algum, de uma possibilidade que tenha sido integralmente realizada no ato e da qual não reste mais nada. Tal condição define muito mais, como vimos, a condição do cansado, aquele que se abandona estirado em sua prostração. Verdadeiramente exausta é apenas a possibilidade que se leva como tal no ato e, por isso, não tem mais nenhuma possibilidade de ser colocada em ato e realizada. É uma possibilidade que não precede o ato para exaurir-se neste, mas o supera e perdura para além deste (AGAMBEN, 2016, p. 2).

Há cumprimento onde não fica uma potência como fundamento para o ato, mas potência que segue junto com o ato, no mesmo instante, encerrando-se, assim, tal atividade. Agamben recorre aos exemplos do estudante, do mímico e da dançarina (estes dois últimos exemplos estão presentes também nos textos do autor sobre o conceito de gesto, visto anteriormente).

Sobre a figura do estudante, Agamben afirma que quem estuda não pretende concluir nada (tal como a figura do estudante em Kafka e em Melville); “o estudioso

retoma e esmiuça suas possibilidades de pesquisa uma atrás da outra infinitamente. O estudo já esgotou toda possível realização pois é em si mesmo interminável e inexaurível” (AGAMBEN, 2016, p. 2). Já no caso da mímica e da dança, expõe-se uma possibilidade que se conserva como tal no ato:

A evolução circular [*volutatio*] que realizam os mímicos é a perfeição do volúvel [*volubilis* significa: ‘que gira’] enquanto eles são volúveis e a dança das mulheres que bailam é a realização de seu ser hábeis à dança e de sua potência de exultar-se e dançar enquanto potência [*perfectio earum saltabilium sive potentium tripudiare et choreizare secundum quod in potentia sunt*]. [...] E como, no gesto do dançarino, o dançável jamais se torna dançado, assim, no gesto do vivente, o vivível jamais se torna vivido, mas permanece vivível no próprio ato de viver (AGAMBEN, 2016, p. 2).

O esgotado esgotou todas as possibilidades, ele encerra o possível. Ao esgotar-se a potência, neutraliza-se o ato, libera-se o uso. O esgotamento rompe com a captura, resiste a ela, destitui, depõe, desativa, desobra. Viver ao modo do uso, ao modo da inoperosidade e da anarquia, envolve esgotar a potência e o ato em toda atividade, esquivando-se, assim, da estratégia de captura dos dispositivos de governo da vida. É nesse sentido que a postura de esgotado, sentado, interessa a Agamben. A postura de inoperosidade seria, também, uma postura de sentado; conseqüentemente, também a postura de anarquia.

Quanto à relação entre gesto e postura, tem-se, em síntese, de um lado um gesto de exposição da potência para o uso e uma atividade que expõe o uso enquanto ele se dá, e, de outro, configurada por gestos, a postura, que é uma demora nessa exposição que o gesto realiza; então, se o gesto expõe e propaga uso, a postura demora nesta exposição e nesta propagação.

Ao final do ensaio *Postura* (2016), Agamben afirma que no campo dos gestos, por fim, até mesmo a postura, aos moldes do esgotado, fica para trás. No entanto, insiste-se neste artigo em uma postura configurada por gestos, o que se justifica principalmente quando se tem em vista, com tais conceitos, a resistência ao governo da vida a partir da anarquia e do enraizamento.

Há um conceito de gesto que independe das designações feitas; quando se especifica um campo de questões, de anarquia, de inoperosidade, de enraizamento, dá-se ênfase às questões relacionadas a tais conceitos, mas que com maior ou menor destaque integram o conceito inicial de gesto. Na inoperosidade, o uso e a restituição ao uso; na anarquia, destaca-se a resistência a governo; no enraizamento, o que foi vivido diretamente e a possibilidade de assim vivê-lo.

A inoperosidade restitui ao uso o que foi separado, libera de mediação, expõe e exhibe o uso, a possibilidade de viver diretamente um percurso, possibilidade de experiências diretas. O enraizamento expõe uso e expõe o que foi vivido diretamente. Nesta segunda característica reside muito da força do conceito de enraizamento, na exposição de experiências e percursos vividos diretamente. Há, assim, uma diferença de ênfase: a inoperosidade enfatiza a possibilidade, o enraizamento o vivido; e, à anarquia, para resistência ao governo da vida e para o necessário fortalecimento de tal potência, faz-se necessário tanto uma demora no gesto quanto uma demora na postura. Ambos podem ser estratégias de resistência ao governo da vida, estratégias que dizem respeito à tradição de pensamento anárquico (sobretudo ao pós-anarquismo). Dentro do gesto e da postura anárquica, foi dada, até aqui, ênfase aos elementos que mais se aproximam do gesto e postura de inoperosidade; agora a atenção se voltará ao gesto de enraizamento e à postura de enraizado.

Quando se pensa um gesto de anarquia, um gesto de restituir ao uso, tem-se uma atividade que deixa sempre livre para o uso, isto é, uma atividade que nela mesma sai da captura ou dificulta a captura, e assim se dá uma forma-de-vida. Pensar esse gesto de anarquia é diferente de pensar o gesto de enraizamento, na medida em que no enraizamento a ênfase recai sobre a exibição/exposição do que já foi vivido diretamente; o enraizamento tem a preocupação com esse conteúdo, com essas experiências que de algum modo contribuem para a resistência ao governo da vida. O gesto de enraizamento, tal como aqui proposto, configura uma postura de enraizado, que é a postura que exhibe essas experiências que foram vividas diretamente; se o gesto

de enraizamento abre espaço para isso, se ele enquanto gesto leva anarquia ao mundo, enquanto gesto de enraizamento ele expõe também o que já foi vivido de tal maneira; e essa exibição do que foi vivido diretamente é também uma maneira de fortalecer a potência para uso, integrando, portanto, uma estratégia de resistência ao governo da vida.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora expor o vivido seja um elemento que esteja implícito no conceito de gesto de maneira geral, o enraizamento destaca um elemento que torna interessante insistir na postura de enraizado. Também pensar uma estratégia viável no cotidiano é mais fácil com a postura de enraizado, do que se atendo somente ao gesto. Quando se insiste na postura, não se trata de discordar Agamben quanto aos gestos, por fim, transformarem até mesmo as posturas em imposturas; a insistência aqui é em demorar na postura como estratégia de resistência, por expor o que foi vivido diretamente ser mais palpável, em um primeiro momento, do que a potência para sê-lo já exibida pelos gestos.

No gesto e na postura de enraizado está em jogo tanto experienciar e viver de maneira direta, que caracterizam o uso, quanto trazer junto, exibir junto, as experiências já vividas, sobretudo as que foram vividas diretamente. Então, se o gesto e a postura tratam de expor potência, o enraizamento tem a preocupação de levar com ele o que já foi vivido sem a mediação de dispositivos, numa estratégia de resistência que também expõe o que já foi vivido diretamente.

A resistência ao governo da vida se dá como uso, liberação de uso e exposição de uso. O gesto de anarquia e a postura de anarquia são estratégias de resistência à captura da anarquia inerente ao uso; o gesto de enraizamento e a postura de enraizado são estratégias de resistência ao desenraizamento dos viventes. O gesto já trata de uma exposição, mas a postura é uma demora expondo, e configura-se pelos gestos: é uma

insistência restituindo uso e fazendo uso, uma frequência, uma demora no corpo a corpo, resistindo ao governo da vida orquestrado pelos dispositivos. Gesto e postura compõem uma estratégia: demorar expondo uma vida que se vive vivendo.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. Notas sobre o gesto. In. AGAMBEN, G. **Meios sem fim**: notas sobre a política. Tradução de David Pessoa. Belo Horizonte: Autêntica, 2015, p. 51-61.

AGAMBEN, G. O que é um dispositivo? In. AGAMBEN, G. **O que é o contemporâneo e outros ensaios**. Tradução de Vinícius Honesko. Chapecó: Argos, 2009.

AGAMBEN, G. **O uso dos corpos**. Tradução de Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2017.

AGAMBEN, G. **Per un'ontologia e una politica del gesto**. Macerata: Quodlibet, 2018. [ed. bras.: Para uma ontologia e uma política do gesto. Tradução de Vinícius N. Honesko. Disponível em: <http://flanagens.blogspot.com/2018/03/para-uma-ontologia-e-uma-politica-do.html>. Acesso em 11/03/2024]

AGAMBEN, G. Posture. In.: DELEUZE, Gilles. **L'esausto**. Roma: Nottetempo, 2015. [ed. bras.: tradução de Vinícius N. Honesko. Disponível em: <http://flanagens.blogspot.com/2016/05/posturas-giorgio-agamben.html>. Acesso em 11/03/2024]

DELEUZE, Gilles. O esgotado. In. DELEUZE, Gilles. **Sobre o teatro**. Tradução de Fátima Saadi, Ovídio de Abreu, Roberto Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010, p. 65-111.

MACHADO, R. Introdução. In. DELEUZE, Gilles. **Sobre o teatro**. Tradução de Fátima Saadi, Ovídio de Abreu, Roberto Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010, p. 7-23.

PELBART, Peter Pál. Esgotamento e criação. In. **O avesso do niilismo**: cartografias do esgotamento. São Paulo: N-1 Edições, 2013, p. 37-47.